

Resumo

Sendo enunciado como algo da ordem infantil, o humor tem seu triunfo quando torna o impossível possível. A criança usa o humor para reverter ou enfrentar situações de ameaça, possibilitando a suspensão provisória do interdito, usando o lúdico como uma maneira aceitável de dizer aquilo que realmente “quer ser dito”.

Meu interesse pelo tema já vem há bastante tempo, pela observação das crianças na espontaneidade com que se expressam e como arranjam meios para se sair de situações embaraçosas, com frases divertidas e ditos pitorescos, provocando admiração no riso dos adultos.

Considerado por Freud como um dom precioso e raro, não foi valorizado durante algum tempo pela Psicanálise, só tendo início nos escritos de Freud sobre os Chistes(1905b) e no texto sobre o Humor(1927), embora sempre fosse citado nas cartas de Freud a Fliess e nas piadas dos Judeus, que aparecem na sua obra.

O humor é rebelde e teimoso, afirmando-se na liberdade do pensamento, permitindo uma transformação narcísica e retirando alegria das situações desprazerosas. Não se resignando frente às adversidades e imperativos sociais, vem se colocar a serviço de uma ilusão criativa, reajustando os elementos do mundo de maneira satisfatória.

No processo humorístico, o superego vem se identificar com o pai numa onipotência narcísica. Segundo Kupermann (2003), o humorista se identifica com o pai, até certo ponto, pois se identificaria mais com um órfão, que pensa: “tudo pode me acontecer, a mim que perdi o que

tinha que perder e que aprendi a rir com a vida” (p.28). Daí a identificação parcial com o pai vai incitar o sujeito a construir seu próprio território, enriquecendo sua existência com uma identificação sublimatória, fazendo-se sujeito da sua própria experiência.

Em 1905b, Freud faz uma aproximação do humor com o infantil: coloca o cômico, a piada e o humor como repetição de um estado de ânimo da infância, o que isentaria essa fase do desprazer e do sofrimento. Mas a investigação psicanalítica vai nos fazer compreender que a felicidade plena não é própria da infância. O mito do paraíso infantil vem sucumbir diante das desilusões e da angústia vividas pela criança. De acordo com a teoria Kleiniana, as crianças pequenas sofrem de uma angústia maior que a dos adultos devido à ansiedade provocada pelos desejos edípicos juntamente com o terror da castração. Para Klein, esses conflitos já se estabelecem na segunda metade do primeiro ano de vida, período em que começa a edificar o superego. O superego da criança vai se tornar menos severo se ela desenvolver um senso de humor que, segundo Freud, é conseqüência de um superego amável, que entra em conluio com o ego para apaziguá-lo das adversidades da vida, possibilitando a obtenção do prazer. Freud, em 1927, diz no ensaio sobre o

¹ Trabalho apresentado na VI Jornada do GPAL, em novembro/2006.

² Psicóloga e Psicanalista do GPAL.

Humor: “A essência do humor é poupar os afetos que a situação naturalmente daria origem e afastar com pilhéria a possibilidade de tais expressões de emoção” (p.190).

Temos que levar em consideração, quando nos reportamos para as crianças, as diferenças na sua estrutura psicológica, levando em conta que seu inconsciente ainda se acha em estreito contato com o consciente e que os impulsos mais primitivos atuam paralelamente a processos mentais mais complicados. Daí a criança apresentar, de maneira mais direta e autêntica, seus ditos, suas experiências e expressões, como nestas citações:

Lara, de 4 anos, estava na fila para fazer sua matrícula no jardim I, quando avista um japonês gordo de rosto rechonchudo e olhos bastante apertados, também na fila. Olhando para ele, indaga: “Você tá dormindo ou tá acordado? Você dirige como, com o olho fechado?”. A irmã de Lara, Teresa, não fica para trás, pois tem uma percepção aguçada e espontaneidade nas verbalizações. Na época do presidente Fernando Collor, percebendo o movimento descontente com o governo do então presidente da República, ao escutar a história da Chapeuzinho Vermelho, coloca as mãozinhas na boca para disfarçar e sai com esta exclamação: “Eu já sei onde mora o lobo mau: é na casa do Fernando Collor!”. Guga, de 5 anos, pergunta: “Mãe, o papai viajou. A gente vai dormir só?”; a mãe responde: “Não tem problema, o vigia vem dormir aqui.”. Daí vem a resposta decepcionada: “Você disse que era eu que ia dormir com você...”.

Ao educar a criança, o adulto geralmente diz o que se deve fazer, mostrando sua superioridade o que implica estar

sempre com a razão. Quantas vezes é exigido das crianças que repitam gracinhas ou palavras que falam errado, numa atitude de domínio, não levando em conta seu embaraço. A condição infantil está sempre ameaçada de humilhação. Esse risco faz com que a criança use o senso de humor para enfrentá-lo. Com o riso, a criança vai conviver de um modo divertido e menos punitivo com a castração infantil. Podíamos pensar em uma crueldade sem culpa. A rivalidade edípica, juntamente com os sentimentos de angústia inerentes a essa fase, promovem uma experiência precoce de sofrimento da criança.

Em 1905a, Freud fala da química das palavras, que se deslocam fazendo com que o elemento mais discreto passe a ser o mais importante, como acontece nos ditos humorísticos. Ao iniciar o aprendizado das palavras, a criança brinca com elas sem entender direito o seu sentido, muitas vezes dando o mesmo significado as palavras parecidas: “Vê aí quantos quilômetros estou de febre”; ou, quando o irmão maior briga com o pequeno, dizendo “não mexa na minha gaveta para não perder o dinheiro da minha mesada: se perder vai pagar dobrado”. O irmão menor responde: “Eu nem sei o que é mesada, nem sei o que é dobrado”.

Os pequenos lidam com as palavras como se fossem coisas, entendem tudo ao pé da letra ‘como se letra tivesse pé’, mesmo quando se emprega em sentido figurado, é difícil para eles terem essa compreensão; e lá vêm os ditos humorísticos. A boneca Emília, criação de Monteiro Lobato, é irreverente, brincalhona e tem um lado cômico que é compreendido pelas crianças. Em um diálogo com Dona Benta, Emília indaga: “O que é pôr-do-sol? Ele põe o quê?”; dona Benta responde: “Nada, bobinha. Ele põe a si mesmo.”. Emília retruca com seu jeito faceiro: “Então ele é ovo dele mesmo!”. Ao forçar esse entendimento, existe o triunfo sobre o poder dos adultos.

Marília sabe que a mãe trabalha os dois horários, porém, sempre liga para saber dela. Quando a mãe telefona pedindo a babá que a chame, ela vem com o seguinte recado: “Diga à minha mãe que falo depois, estou muito ocupada!” Gabriel brinca enquanto a mãe, já pela segunda vez, manda que guarde seus brinquedos para ir dormir, pois já era tarde; ele diz que espere um pouco porque está tomando conta da “loja” e a mãe, com autoridade, fala: “pois feche a loja que já é de noite!”. Na mesma hora ele responde: “Minha loja é aberta 24 horas!”. De outra vez, ele senta com os brinquedos e arruma-os no sofá da sala: lá vem recomendação! “Tire os brinquedos daí porque o sofá é novo e pode estragar!”. Volta ele depois, com um copo de suco, para sentar no sofá. Mais uma vez o pedido: “Levanta, Gabriel, pode sujar o sofá novo!”. A resposta vem forte e pausada: “Onde tem um sofá velho pra eu sentar?”

O humor tenta brincar quando está no limite entre o desespero e o ridículo, possibilitando a suspensão do interdito e fazendo cair a onipotência atribuída à autoridade.

É preciso produzir os ditos humorísticos para desconstruir os interditos do poder. O humor infantil, como o brincar, não é contrário ao que é sério, mas dá um novo caminho ao princípio da realidade através do que é prazeroso. Na brincadeira, como nos ditos humorísticos, existe uma criação, onde a verdade é suavizada, podendo ser aceita socialmente. Brincar e rir são qualidades da criança que permanecem nos adultos, mesmo que sejam sufocadas ou recalçadas.

Existe na atividade lúdica uma fusão de presente, passado e futuro, como acontece nos ditos infantis, empregando uma palavra fora do contexto e do tempo. Ex.: “Mãe, a que horas eu vou para o parque?”, indaga Caio. “Daqui a pouco”, responde a mãe. Logo em seguida, ele volta e diz: “Mãe, daqui a pouco já é agora?”. É necessário

que haja o reconhecimento da alteridade inscrita no psiquismo da criança, para que exista a brincadeira. O humor também tem a necessidade do outro, como acontece nos ditos infantis. A criança narcisicamente terá a atenção voltada para suas gracinhas e citações humorísticas.

Quando tomei conhecimento do falecimento do médico e jornalista Pedro Bloc, que escrevia um artigo com o título “Criança diz cada uma...” fiz um comentário sobre a morte dele na presença de uma criança, que quis saber quem era Pedro Bloc. Falei que este gostava de escrever ditos engraçados do dia-a-dia infantil. Numa ocasião, ele entra na sala trazendo muitos brinquedos e indaga: “Onde tem uma gente grande que pode brincar com uma gente pequena?”. Todos riram, é claro! Então ele fala: “Acho que aquele homem que você disse que escrevia coisas engraçadas ia escrever isso, não era?!”. O humor usa o lúdico para dizer aquilo que quer que seja dito.

Nas histórias em quadrinhos muitos são os personagens que encarnam o herói engraçado, fazendo com que as crianças se identifiquem com suas peraltices e gracejos. Maurício de Souza, escritor de histórias infantis, fez criações com Mônica — a menina muito brava; Cebolinha — o que troca as letras das palavras, e Cascão — o que não gosta de tomar banho, inaugurando assim, a possibilidade de uma irreverência infantil, fazendo com que, o que é humilhante tome uma posição de realce, virando o jogo.

Luís Fernando Veríssimo faz com originalidade o humor nos seus escritos, encontrando uma maneira divertida para escrever o cotidiano das crianças. Fala do menino que recebeu uma bola de presente e queria saber “Onde liga para poder brincar? Não tem manual de instrução?”.

Ziraldo no livro “O Menino Maluquinho” cria um

personagem alegre, brincalhão e ativo, e que tem “fogo no rabo”, como diz o autor.

Em Dom Quixote, Miguel de Cervantes escreve sobre essa figura equipada de sabedoria que se tornou representante simbólico de um ideal em que acredita, para realizar seus desejos, como faz no “faz de conta infantil”.

O humor ameniza as exigências, fazendo reviver o infantil de cada um de nós, e o riso vai provocar um distanciamento do mundo, levando à descoberta de novos ângulos para o mesmo objetivo. O riso vem, a posteriori, como o ato analítico.

O humorista se autoriza do saber, ocupando esse lugar de dupla forma: primeiro, fazendo ruir a angústia de castração, irrompendo com a irreverência. Segundo, faz cair a impotência, surgindo a potência do riso e da alegria.

Não pretendo concluir esse texto, mas abrir novas vias para outras intervenções e jogos de palavras, pois se o humor é um fenômeno de criação sob o domínio da angústia, na clínica psicanalítica pode ser utilizado como uma ferramenta preciosa e indispensável que move o sujeito para esse lugar que cria.

Referências

Freud, Sigmund (1905a). Três Ensaio sobre Teoria da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 07. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1905b). Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 08. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1927). O mal-estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Kupermann, Daniel (2003). Ousar Rir: Humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa.

_____. (2005). Seria trágico... Se não fosse cômico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.